

Maria Cristina Fernandes

Organização, apresentação e notas:

Ricardo Balthazar

BRASIL DE **LULA** A **LULA**

100 textos para entender a
política brasileira no século 21

70

Rio de Janeiro, 2025

Brasil de Lula a Lula

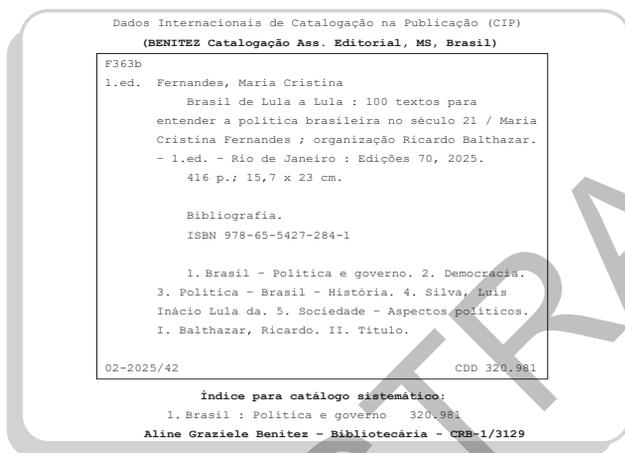
Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Maria Cristina Fernandes.

ISBN: 978-85-5427-284-1

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Assistente Editorial: Andreza Moraes

Revisão: Carol Colfield; Gregory Neres

Diagramação: Joyce Matos

Capa: Karma Brandão

Imagem da capa: Marcelo Camargo/Agência Brasil



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



Sumário

Apresentação	vii
Nota da autora	ix

2002	1
O PL não é melhor nem pior do que o PFL	2
Eleitor aprendeu a votar com o bolso	5
Apareceu um Lula na janela de casa	8

LULA I	11
Discursos de posse são todos diferentes	12
Sob o véu da intolerância	15
A ameaça bandeirante	18
Só há salvação longe das rinhas	21
E agora, José?	24
Quem trabalha alcança	27
A opção pelo narcisismo	30
Trabalhadores em busca de um partido	33
Com Mantega, Lula segura o PT	36
Olhar para 2007 pelo retrovisor	39
O paradigma distributivo	42

LULA II	45
O poder no para-choque de caminhão	46
Como sempre na história deste país	49
Janela de oportunidades	52
Pregadores da prosperidade	55
Um mandato para o Supremo	59
O futuro da aliança com o patronato	63
Dilma e Michelle	67

SUMÁRIO

Do clã da Silva	71
Havia uma eleição entre as luzes e as trevas	75
O mal-estar com o voto universal	79

 DILMA I	83
Uma vitória do tamanho que ela é	84
O recado dos barracões de Jirau	88
Em busca de discrição	92
O dono da voz	96
No mercado de carros usados	99
“Mais unhas há”	103
Supremocracia	107
Os estudantes entre o molotov e a utopia	111
O inquilino do edifício Matarazzo reage	115
Quem criminalizou a política que a embale	119
Especulação	123
O caboclo Inácio e o lucro dos bancos	127
O rebate e o eleitor	131
Ordem do dia	135

 DILMA II	139
A posse da ideóloga	140
O marquês de Alorna	143
Peemedebista de raiz	147
O estilo dos brasileiros na fronteira do capital	151
A república sem Eduardo Cunha	156
O mandato de Dilma	160
A cobra coral	164
Diário de um cerco à república lulista	168
Os porões do navio na maré da Lava Jato	173
Vitória de Pirro	177

TEMER	181
As vivandeiras do Jaburu	182
A escada de Bolsonaro para 2018	186
O estrume do futuro	191
O maluco solitário e o Ministério Público	195
O pai da PEC dos gastos	200
Garantismo à Moraes	204
A ponte caiu	208
Quem perde com a condenação de Lula	212
Temer divide e impera	216
A cadeira cativa do PP	220
O conselho de Sarney	223
2018	227
Na aliança com Temer, Lula perde perdendo	228
“Me tirem daqui”	232
A praia de Bolsonaro	236
Quando a conta do impeachment chega à mesa	240
A vergonha que ficou no meio do caminho	245
Dois ambulantes deslocados na multidão	250
Bolsonaro encara a política de toga e farda	255
Moro acima de todos	259
A continência do presidente diplomado	263
A arbitragem, de Lula a Bolsonaro	267
BOLSONARO	271
Bolsonaro já recua da ofensiva na selva	272
Um Supremo a reboque da imparcialidade	275
Um bote sem âncoras sob o leme do capitão	279
Contra o isolamento, o vírus da desconfiança	283
Quem segura a explosão das favelas	287
Por quem dobram os cotovelos	292

SUMÁRIO

Um mandato blindado a R\$600 per capita	296
O vício do Congresso	299
A volta de Lula	303
Bolsonaro entrincheirado	307
Bolsonaro como apêndice do PP	311
Luciano Hang lidera bolsonarismo contra o Leviatã	315
O nome da vitória é Rosa	319
Terrivelmente derrotados	323

◀ 2022

Movimento do eu-sozinho	328
As vacinas que Bolsonaro resolveu tomar	332
Para não desviar o foco sobre o Brasil	338
O tiro que pode perturbar as eleições	342
O Brasil que aconteceu entre os dois Amarildos	347
Bolsonaro em viés de alta	352
A virilidade de um acuado	356
O bolsonarismo desistiu do eleitor	360
O café frio de Bolsonaro	364
O futuro da direita sem a carona bolsonarista	368
Uma briga de cada vez	373

◀ LULA III

Êxitos pós 8/1 turvam visão de Lula sobre BC	378
Haddad toma posse	382
A tutela militar na berlinda	385
O Judiciário e os muros do Bolsonaro Beach	389
Notas dissonantes em dia de festa	392
Lula traça a risca de giz no PT	396

Índice Onomástico

401

Apresentação

Crises frequentes sacudiram a política no Brasil desde o fim da ditadura militar instalada pelo golpe de 1964 e o início do processo de redemocratização do país. Em quatro décadas, dois presidentes escolhidos pelo voto popular foram afastados do poder antes de concluir seus mandatos. Um terceiro passou quase dois anos trancado numa cela até recuperar os direitos políticos e voltar ao cargo. Outro, defensor das violências praticadas pelo autoritarismo, também alcançou o poder nas urnas, mas insuflou um levante de seus seguidores quando chegou a hora de sair.

Este livro oferece um mapa para entender como isso tudo aconteceu, refletir sobre os dilemas do presente e avaliar a capacidade de resistência do edifício institucional construído pelo país desde a volta da democracia. Se não encontrará respostas fáceis para suas inquietações, o leitor poderá chegar ao final pelo menos com a certeza de ter atravessado o caminho muito bem acompanhado, levado pelas mãos de uma observadora bem informada e perspicaz.

Os textos reunidos neste volume representam uma fração da intensa atividade jornalística que tornou Maria Cristina Fernandes uma das comentaristas políticas mais relevantes da imprensa brasileira na atualidade. Desde maio de 2000, quando sua coluna semanal estreou no jornal *Valor Econômico*, ela publicou mais de mil artigos e centenas de reportagens, entrevistas e análises, trabalho cujo alcance multiplicou com uma presença assídua no rádio e na televisão.

Sua trajetória profissional coincide com o período de reconstrução da democracia no país. Maria Cristina entrou na universidade quando o regime militar soçobrava e pisou pela primeira vez numa redação de jornal no ano em que o Brasil voltou a escolher um presidente pelo voto direto. Deu os primeiros passos quando havia pouca contestação à credibilidade da imprensa e seguiu exercendo o seu ofício numa época em que ele é colocado em xeque constantemente.

Nascida no Ceará, Maria Cristina cresceu em Pernambuco e começou em 1989 como repórter de economia no *Jornal do Commercio* no Recife, diário centenário que hoje circula apenas no formato digital. No ano seguinte, depois de concluir as faculdades de jornalismo e história, mudou-se para São Paulo para

atuar como repórter de economia da *Gazeta Mercantil*, então o principal veículo especializado em economia e negócios do Brasil

Afastada das redações para uma temporada de estudos na Europa, concluiu dois mestrados em dois anos. De volta a São Paulo, trabalhou na revista *Veja* e participou da fundação de sua concorrente *Época*. Pouco depois, juntou-se à equipe que criou o *Valor* e o transformou no principal diário econômico do país. Foi a editora de política do jornal nos primeiros 15 anos, acumulando a função com a de colunista, à qual passou a se dedicar integralmente em 2015.

De maio de 2000 a junho de 2024, quando a organização deste livro foi concluída, Maria Cristina publicou 1.160 colunas no *Valor*, incluindo os artigos semanais e a coluna GPS, que assinou quinzenalmente no suplemento *Eu & Fim de Semana*. A escolha dos cem textos da coletânea privilegiou os que se mostraram mais duradouros aos olhos de hoje, a despeito do que sua natureza efêmera poderia sugerir. Buscou-se também contemplar episódios decisivos para que o conjunto, composto de fragmentos da história recente, formasse uma narrativa coerente.

As notas de rodapé fornecem o contexto necessário para a compreensão de eventos e alusões feitas pelas colunas. Todos podiam ser reconhecidos sem dificuldade pelos leitores de Maria Cristina no calor da hora, mas podem desafiar a memória dos que se aproximarem dos textos agora, longe do noticiário da época. Informações biográficas e referências bibliográficas foram acrescentadas com igual propósito. Ajustes foram feitos nos textos para corrigir imprecisões e tornar a leitura mais fluida, livre dos pedregulhos deixados por quem escreveu contra o relógio.

Num tempo em que os jornais enfrentam declínio aparentemente irreversível e muitos leitores sentem-se incapazes de distinguir fatos e opiniões, verdades e mentiras, as páginas seguintes oferecem uma mercadoria escassa no mercado: um entendimento sofisticado das engrenagens da política brasileira, que disseca as estratégias dos jogadores em campo sem apelo a moralismos nem afagos às torcidas na arquibancada. Maria Cristina não escreve para alisar reputações, nem dá conforto a quem pensa que sabe tudo. Sorte dos que ainda leem jornais.

Ricardo Balthazar
[Fevereiro de 2025]

Nota da autora

Luiz Inácio Lula da Silva já estava no seu décimo ano como presidente da República quando passou a se referir a si mesmo como o terceiro governante mais longevo do país depois de D. Pedro II e Getúlio Vargas. Se o Brasil teve o Segundo Reinado e a Era Vargas, o primeiro quarto do século 21, que se encerra com a volta de Lula ao poder, vinte anos depois de tê-lo conquistado pela primeira vez, não cabe numa Era Lula.

Nesse período, além da chegada do primeiro operário ao poder, o Brasil também assistiu à emergência de um populismo que desafiou sua liderança pela extrema-direita e colocou a democracia em xeque.

De um polo a outro, o país passou pelo segundo impeachment, hipertrofiou o Judiciário, viu o Legislativo se açambarcar das prerrogativas do Executivo e o crime organizado se infiltrar no Estado. Até partido ao meio o Brasil manteve-se desigual.

As instituições que aí estão não foram capazes de ofertar à geração que, em 2003, assistiu à passagem da faixa de um presidente eleito pelo voto direto para outro, a repetição do gesto. Lula voltou ao poder para um governo de transição. Se o ponto de partida é a superação da ameaça autoritária, o ponto de chegada ainda é uma miragem.

Quando a seleção final de colunas para esta coletânea foi concluída, a volta de Donald Trump ao poder ainda não estava no horizonte. Seria difícil aquilatar o impacto de mudanças tão disruptivas sobre o Brasil — da política migratória à ofensiva das gigantes americanas de tecnologia, passando pela corrosão dos alicerces da globalização. O biênio que agora se inicia não passará incólume às mudanças naquela que ainda é a maior potência democrática e econômica do planeta. Ainda não está claro se a preservação do seu legado e da democracia será uma opção conjugada ou excludente, mas espero que os textos aqui compilados enriqueçam as dúvidas e reflexões do leitor.

Os textos desta coletânea foram escritos sob o pressuposto de que o leitorado busca a informação desapassionada para se mover num debate público contaminado pela intolerância. Não teria sido possível escrevê-los sem a ajuda de muitas fontes na reconstituição dos fatos e na identificação dos personagens que marcaram o período. Os textos valeram-se ainda da generosidade dos colegas que passaram pelo *Valor*, ao longo deste quase quarto de século, e daqueles que lá permanecem, além da confiança de três diretores de redação: Celso Pinto (1953-2020), Vera Brandimarte e Maria Fernanda Delmas.

O convite de Marco Pace, ainda na Almedina, para esta coletânea só pôde ser aceito porque Ricardo Balthazar emprestou sua argúcia e rigor à seleção de textos e preparação das notas. Espero que a leitura ofereça uma chance de se divisar o Brasil que se estende além da miragem.

Maria Cristina Fernandes
[Fevereiro de 2025]



2002

O PL não é melhor nem pior do que o PFL

Descobriu-se o ninho de votos à direita

Nenhum mote marcou mais o discurso da candidatura presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva em 1994 do que aquele que atribuía à parceria com o PFL a identificação entre Fernando Henrique Cardoso e Fernando Collor de Mello.¹ Ao formalizar o convite para que o PL integre sua chapa, o PT está diante de um inevitável *mea culpa*.² Para usar um juízo de valor próprio do PT, o PL não é melhor nem pior que o PFL. Ao justificar o convite, Lula até que tentou usar um critério — o de que o partido tem votado com a oposição no Congresso. O desempenho de uma das estrelas do PL, o deputado federal e fundador da Força Sindical, Luiz Antônio de Medeiros (SP), derruba o argumento de Lula. Na votação do projeto que retira poderes à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Medeiros ficou ao lado do governo federal e contra o PT.³

O outro argumento, o de que o PT precisa de alianças não apenas para vencer, mas para governar, denota amadurecimento do partido, mas não alivia a barreira de Lula. O PFL, com sua bancada de parlamentares que se alterna entre as três maiores do Congresso, serve ao argumento da governabilidade. Os 24 votos do PL na Câmara dos Deputados não devem ser desprezados, mas estão longe de garantir governabilidade a qualquer eleito.

O histórico do PL sequer permite a reedição da famosa frase de Ruth Cardoso — “O PFL não tem apenas ACM, tem também Gustavo Krause e Reinhold

¹ Formado no fim da ditadura militar (1964-1985), o Partido da Frente Liberal (PFL) apoiou os governos José Sarney (1985-1990), Fernando Collor de Mello (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Mudou o nome para Democratas (DEM) em 2007 e se fundiu com o Partido Social Liberal (PSL) para formar a União Brasil em 2021.

² O Partido Liberal foi fundado por dissidentes do PFL, em 1985. O Partido dos Trabalhadores foi fundado em 1980 e se preparava para lançar Lula à Presidência pela quarta vez no início de 2002.

³ O projeto de reforma da CLT, patrocinado pelo governo FHC, teve sua discussão suspensa pelo Senado e acabou arquivado.

Stephanes”.⁴ Nos embates de sua convenção de junho, haverá sempre um petista a lembrar que o ambicionado parceiro não tem apenas o deputado federal João Caldas (AL), que, depois de ter mudado sete vezes de partido em três anos de mandato, orgulha-se de ser o recordista do Congresso. É também o partido de Marcos de Jesus (PE), o segundo colocado no ranking da troca de legenda. Como o PT sempre esteve na linha de frente da luta contra a política de sobrenomes, alguém lembrará que o presidente do partido, Valdemar Costa Neto, é filho do ex-secretário de Abastecimento de Paulo Maluf na prefeitura de São Paulo, Waldemar Costa Filho.⁵

Ao contrário da aliança dos tucanos com o PFL, cujo vice Marco Maciel foi escondido do horário eleitoral gratuito durante a campanha, o que interessa ao PT é a estampa do senador José Alencar (MG), cujo império têxtil na Coteminas ajudaria a desfazer a ideia de “partido comedor de criancinhas” que petistas acreditam ainda estar associada à sua imagem.

Dissidência do PFL a partir de 1985, o PL integrou o Centrão durante a Constituinte de 1988. No ano seguinte, lançou contra Lula a candidatura de Guilherme Afif Domingos. Em 1994, chegou a lançar a candidatura do empresário Flávio Rocha à Presidência. A candidatura do empresário, dono do grupo têxtil Guararapes, foi flagrada em irregularidades na emissão de bônus eleitorais, e o PL retirou sua candidatura.⁶ Acabou apoiando o presidente Fernando Henrique Cardoso e, em 1998, rompeu com o governo para apoiar a candidatura de Ciro Gomes.⁷

A um petista que tenha ido passar um tempo em Marte e aterrisse de volta em plena campanha eleitoral, pode ficar complicado entender por que dois candidatos que reivindicam o rótulo de esquerda — um (Anthony Garotinho)⁸ tem

⁴ A antropóloga Ruth Cardoso (1930-2008), mulher de Fernando Henrique, se referiu ao então senador Antonio Carlos Magalhães (1927-2007) e dois integrantes do PFL que participaram do governo FHC. Gustavo Krause foi ministro do Meio Ambiente e Reinhold Stephanes, da Previdência.

⁵ Paulo Maluf foi prefeito de São Paulo de 1967 a 1969, nomeado pelo regime militar, e de 1993 a 1996, eleito pelo Partido Democrático Social (PDS).

⁶ Instrumentos criados pela legislação eleitoral da época para a arrecadação de fundos de campanha.

⁷ Ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda, Ciro Gomes rompera com FHC e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e preparava sua segunda candidatura presidencial, pelo Partido Popular Socialista (PPS), fundado por ex-militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

⁸ Então governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho preparava o lançamento de sua candidatura pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB).

uma vice-governadora do PT e o outro (Ciro Gomes) está filiado ao partido que se diz herdeiro do PCB — estão correndo em raia própria, enquanto o PT vai em busca do amorfo PL para compor sua chapa.

O professor de filosofia política da Universidade de São Paulo (USP) Renato Janine Ribeiro tem uma explicação para o fenômeno: “Todo mundo descobriu, de uma hora para outra, aquilo que Fernando Henrique Cardoso tem dito desde que entrou na política — os votos têm que ser conquistados à direita”. O professor não vê problemas na aliança com o PL, desde que o PT continue a dar as cartas. “Marta Suplicy fez uma aliança para eleger o presidente da Câmara Municipal que inclui até malufistas e manteve a hegemonia”, diz.⁹ Na sua avaliação, o partido percebeu que, para chegar ao poder e exercê-lo, precisava começar a diferenciar meios e fins. “O PT começa a aceitar o jogo político”.

Ao oficializar o convite a Alencar, o jogo do PT é mostrar que a candidatura de Lula foge ao imobilismo, parte para a disputa de uma das pilstras da candidatura de Anthony Garotinho e acena ao eleitorado conservador. O mais irônico nessa guinada da política de alianças do PT é que o bloco governista esteja em fase de divórcio litigioso. E o mais difícil para o PT admitir é que Fernando Henrique Cardoso tenha sido a vanguarda.

[15 de fevereiro de 2002]

⁹ Marta Suplicy era prefeita de São Paulo, eleita pelo PT.

Eleitor aprendeu a votar com o bolso

Mudança tem sido freada pelo medo

O presidente Fernando Henrique Cardoso quebrou um longo jejum de campanha eleitoral com o discurso de segunda-feira em Minas Gerais. Tirou o atraso no ato em defesa da candidatura de José Serra, num estado chave para os tucanos.¹⁰ De surpreendente mesmo, só o apelo presidencial para que os brasileiros não se deixem tomar pela emoção na hora de votar.

Fernando Henrique foi eleito pela razão e, principalmente, pelo bolso dos brasileiros. Talvez seja cedo para duvidar da pedagogia do voto. Na última disputa que o antecederam, o eleitor havia sido arrebatado pela fúria salvacionista de Fernando Collor de Mello. A primeira eleição de Fernando Henrique, em 1994, entronizou o desejo de estabilidade numa legião de desesperançados.¹¹ Esse desejo baixou a temperatura do debate político ao longo dos últimos oito anos. “Fernando Henrique teve um papel nisso, mas a busca de racionalidade foi sobretudo uma conquista da sociedade”, diz o antropólogo Gilberto Velho, autor de um antológico ensaio sobre o sebastianismo de Collor.¹²

Não que faltem emoções a uma eleição em que a segunda maior cidade do país recebe toque de recolher de bandidos presos.¹³ Mas parece haver consenso de que a locomotiva desta disputa é o desejo de mudança. Até o slogan do candidato governista — “A mudança é azul” — a preconiza. E o combustível dessa locomotiva não parece ser a emoção.

¹⁰ Ministro da Saúde e do Planejamento no governo FHC, José Serra preparava o lançamento de sua primeira candidatura presidencial, pelo PSDB.

¹¹ FHC foi eleito na esteira do sucesso do Plano Real, plano de estabilização econômica que lançou como ministro da Fazenda antes de se candidatar à Presidência.

¹² Gilberto Velho (1945-2012), “A vitória de Collor: uma análise antropológica”. In: *Novos Estudos Cebrap*. 26 ed., mar. 1990.

¹³ Em 30 de setembro de 2002, grupos armados mandaram fechar o comércio em 40 bairros do Rio de Janeiro e impediram ônibus de circular.